

Inventário de preocupações e valorizações para jovens: Contributo para a avaliação das atribuições de preocupação e importância a áreas da vida de jovens na fase de transição para a adultícia

The Worries and Value Judgments Inventory for Youth:
contributions to the assessment of attributions of worry and
importance to the life domains in the transition to adulthood

MARTA I. M. GONÇALVES¹, LUÍSA BARROS²

RESUMO

A fase de transição para a adultícia caracteriza-se pela possibilidade de escolha de uma multiplicidade de trajectórias de vida, repercutindo-se em diferenças nos graus de preocupação e valorização atribuídos pelos jovens a várias situações ou domínios da vida. O conhecimento acerca do sofrimento e valorização atribuídos ajuda a identificar possíveis áreas de vulnerabilidade. O objectivo deste trabalho consiste no estudo de um Inventário para avaliar atribuições de graus de preocupação e de importância a vários aspectos da vida dos jovens na transição para a adultícia. Participaram neste estudo 632 jovens portugueses do sexo masculino, dos 18 aos 21 anos ($M=19,28$; $Dp=1,14$), residentes no distrito de Lisboa; 62.5% eram trabalhadores activos, 10.4% desempregados e 27.1% estudantes universitários; 37.3% tinham escolaridade do 5º ao 9º ano, 35.6% do 10º ao 12º e 27.1% frequência universitária. O Inventário de Preocupações e Valorizações para Jovens é um instrumento de auto-avaliação, composto por

1. Centro de Apoio Social de Oeiras. Morada: Rua da Memória, 17-3 Esq. 2675-408 Odivelas. Portugal. Telefone: 219310361. E-mail: marmg@netcabo.pt

2. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

uma parte de preocupações (35 itens) e outra de valorizações (30 itens). Os itens organizam-se em 13 temas ou aspectos da vida. O tipo de resposta é ordinal, com cinco posições. A soma das atribuições aos itens de preocupações permite obter um índice de preocupação geral. Os resultados revelam consistência interna superior a .90 em ambas as partes; maior correlação dos itens com o tema a que pertencem e acordo entre juízes para 98.5% dos itens. Trata-se de um instrumento útil na investigação e na clínica, permitindo explorar a adaptação e os riscos apresentados pelo jovem nesta fase de transição.

Palavras chave: Preocupação, Valorização, Jovem, Transição para a Adulthood.

SUMMARY

The years of transition from youth to adulthood is characterized by the possibility to choose many possible life courses, resulting in different attributions of worry and importance to several life situations. Knowing what these attributions are, may help to identify potential areas of vulnerability. The objective of this research is to study an Inventory designed to assess attributions of worry and valuing of many life aspects, prevalent in youth during transition to adulthood. The study was carried out with 632 Portuguese, male, aged 18 to 21 ($M=19,28$; $SD=1,14$), living in the district of Lisbon; 62.5% were active workers, 10.4% were unemployed and 27.1% were university students; 37.3% had a school level from 5 to 9 years, 35.6% from 10 to 12 years and 27.1% had university frequency. The Worries and Value Judgments Inventory for Youth is a self-report instrument divided in two parts: the first assesses worries (35 items) and another other valuations (30 items). The items are grouped under 13 themes or life dimensions. A Lickert type scale with five positions was used. The total score attributions added to the worries items allows the definition of a general worry level. Results show Cronbach Alpha reliability above .90 in both Inventory parts; a higher correlations of items with the theme to which they belong and a between judges agreement of 98.5% of items. This is a useful instrument for research and clinical fields that may be used to explore adaptation processes and risks presented by youth, during transition to adulthood.

Key words: Worry, Value Judgment, Youth, Transition to Adulthood.

INTRODUÇÃO

A fase de transição para a vida adulta é muitas vezes omitida na literatura acerca do desenvolvimento, que geralmente passa da descrição do final da adolescência para o início da idade adulta.

De acordo com Levinson (1978; 1990) este período, situado entre os 17 e os 22 anos, corresponderia a uma intersecção da fase da infância e adolescência com o início da vida adulta. Deste modo, reuniria características de ambas as fases. A questão é então saber quais são essas características.

Para Okun (1984), o desenvolvimento do adulto distingue-se do da criança e do adolescente no sentido em que o percurso de desenvolvimento do primeiro depende muito da sua opção. Ou seja, o adulto pode seleccionar, com maior facilidade e autonomia, o percurso de vida que deseja seguir. O resultado é a multiplicidade de trajectórias que se constata existirem na vida adulta. Já na fase de transição para a adultícia existe grande diversidade de percursos: uns continuam os estudos, outros trabalham; uns residem com os pais, outros com colegas ou amigos; uns estão solteiros, outros casados e outros até têm filhos. Cada um destes percursos oferece ao jovem diferentes contextos de vida, que se reflectem em diferenças no seu envolvimento em muitas tarefas e mudanças desenvolvimentistas desta fase.

A este propósito, vários autores referem, como mudanças marcadoras da fase de transição para a vida adulta, a entrada na universidade e no mundo do trabalho (Petersen & Leffert, 1995; Raymore, Barber, Eccles & Godbey, 1999; Relvas, 2000); o cumprimento do serviço militar (Okun, 1984; Petersen & Leffert, 1995; Relvas, 2000); a independência económica (Coleman & Hendry, 1999); a saída de casa (Raymore *et al.*, 1999; Relvas, 2000); o casamento e a parentalidade (Petersen & Leffert, 1995; Raymore *et al.*, 1999; Relvas, 2000). Ora não só nem todos os jovens passam por algumas destas mudanças, como a sequência em que as vivem é necessariamente diferente, pelo que é de esperar que se envolvam em tarefas desenvolvimentistas distintas, ou que apresentem percursos de desenvolvimento diferenciados. Estudar uma fase como esta implica, pois, um grande cuidado na análise do percurso de vida de cada jovem e das tarefas ou mudanças com as quais este esteja envolvido ou a preparar-se para se envolver.

Por outro lado, Mirowsky e Ross (2001) referem que a transição para a vida adulta exige ao jovem o assumir de uma série de novos papéis e responsabilidades que não só podem gerar sofrimento, como contribuir para o risco de aparecimento de perturbações. Neste sentido, revela-se conveniente analisar os aspectos normativos do desenvolvimento (como as tarefas, as

mudanças e outros aspectos associados), mas também os determinantes de protecção e de risco. Tais conceitos remetem para os princípios e noções da Psicopatologia do Desenvolvimento, de que se destacam a preocupação com o estudo da relação entre o desenvolvimento normal e o perturbado (Cicchetti, 1989; Cicchetti & Schneider-Rosen, 1986; Joyce-Moniz, 1993; Rutter, 1986; Sameroff, 1989; Sameroff & Seifer, 1990) e a análise da transacção entre factores internos e externos, o desenvolvimento precedente e as características da fase de desenvolvimento do indivíduo, no momento em que tais factores se conjugam (Sroufe, 1989; Sroufe, Carlson, Levy & Egeland, 1999).

Neste enquadramento teórico, surge como pertinente o estudo do sofrimento (Mirowsky & Ross, 2001), ou seja, da perturbação associada a esta fase de transição, como um meio de alcançar uma melhor compreensão dos processos de adaptação e de risco dos jovens adultos. Moos e Schaefer (1986) preferem o termo “*stress*”, para designar uma eventual reacção de perturbação à mudança. A vantagem deste termo sobre o primeiro é o facto de incluir reacções de menor intensidade, como um ligeiro desconforto ou tensão, assim como a perturbação associada a acontecimentos vividos como essencialmente positivos. Deste modo, permite uma perspectiva mais alargada do contínuo de intensidades possíveis da reacção. Simultaneamente, apela para modelos

explicativos bem estudados no contexto da saúde e da psicopatologia.

Para Lazarus e Folkman (1984), o *stress* resulta mais das avaliações do indivíduo acerca das mudanças ou acontecimentos do que das próprias mudanças, embora admitam que estas possam ter uma acção directa na reacção de *stress*. Com base no modelo transaccional proposto por estes autores, o *stress* seria o resultado das seguintes avaliações, efectuadas pelo indivíduo: (a) a do acontecimento como sendo importante para o seu bem-estar e/ou alcance dos seus objectivos; (b) a do que é necessário fazer para controlar o *stressor* ou a reacção emocional a esse *stressor*; e (c) a avaliação dos seus recursos como sendo escassos ou indisponíveis, ou de ele próprio como sendo pouco eficaz em utilizá-los, para lidar com as exigências da mudança ou situação. Assim, é possível dizer-se que quanto maior for a importância pessoal atribuída a uma mudança ou acontecimento e quanto menor a competência ou recursos avaliados pelo indivíduo para lidar com a mesma, maior será, à partida, a probabilidade de reagir com *stress*.

De acordo com Vaz Serra (2000), o *stress* tende a associar-se a resultados negativos para o desenvolvimento, tanto mais quanto mais intenso for, ou quanto mais generalizado a acontecimentos avaliados pela maioria dos indivíduos como irrelevantes. No entanto, o autor defende que o *stress* também se pode associar a resultados

positivos para o desenvolvimento. Como referem Moos e Schaefer (1986), certas experiências *stressantes* podem favorecer novas assimilações e, como tal, estimular a aquisição de novas competências e a progressão no desenvolvimento.

Deste modo, conhecer os níveis de *stress* associados às mudanças, tarefas ou outros aspectos comuns nesta fase de transição, pode ser relevante para a explicação dos processos de adaptação e risco do jovem, não obstante o reconhecimento de uma complexidade e multiplicidade de factores e processos com um papel determinante nos resultados adaptativos ou desviantes.

Existem numerosas e diversas escalas de avaliação do *stress*. A maioria incide nas reacções fisiológicas e nas manifestações psicossomáticas associadas ao *stress* e à ansiedade (e.g., Lipp & Guevara, 1994; Lipp & Lucarelli, 1998; Zung, 1971). No entanto, não se encontraram instrumentos que relacionassem o *stress* com as mudanças, tarefas ou situações comuns na fase de transição para a adultícia. É certo que existem alguns instrumentos que avaliam o *stress* sentido pelo indivíduo em face de acontecimentos de vida considerados *stressantes* (e.g., Holmes & Rahe, 1967). Estes instrumentos incluem algumas destas mudanças marcadoras da transição para a vida adulta. Contudo, não são específicos desta fase, visto incluírem também mudanças mais características de outros

períodos do desenvolvimento. Este tipo de instrumentos, que associam o *stress* a acontecimentos de vida, tem a desvantagem de assumir valores normativos de *stress*, ou significados objectivos, para acontecimentos específicos, ao invés de recorrerem à apreciação subjectiva do nível de *stress* percebido pelo próprio indivíduo (Miller & Salter, 1989). Contudo, não só nem todos os indivíduos reagem com *stress* a um mesmo acontecimento (Lazarus & Folkman, 1984), como podem manifestar *stress* sem estarem a passar pelo acontecimento (por exemplo, antecipando-o, ou revivendo mentalmente acontecimentos que experienciaram no passado).

Face ao exposto, surgiu a necessidade de elaborar um instrumento que possibilitasse avaliar o nível de tensão ou *stress* auto-avaliado, perante mudanças, tarefas ou situações comuns e próprias da fase de transição para a adultícia. A opção pelo termo “preocupação” resultou do facto de se associar a significados leigos acessíveis a todos os respondentes.

Note-se que de acordo com o modelo transaccional do *stress* de Lazarus e Folkman (1984), para haver uma reacção de *stress* é necessário, entre outros aspectos, que o acontecimento ou situação seja avaliado como podendo comprometer os objectivos ou bem-estar pessoal. Logo, é necessário que seja entendido como tendo uma implicação pessoal. Todavia, é possível estar-se preocupado com uma

dada situação (como o risco de extinção de algumas espécies animais) sem que isso gere *stress* no indivíduo, ao não entender uma implicação pessoal. Daí a necessidade que se sentiu de se fazer acompanhar o termo “preocupação” de termos como “nervosismo” e “estado de tensão”, de modo a incidir-se a avaliação em preocupações associadas a estados de *stress* e portanto, à partida, com implicação no bem-estar ou objectivos do jovem.

Por outro lado, nem todas as situações em que se percebe uma implicação pessoal se associam à reacção de *stress* (Lazarus & Folkman, 1984). O indivíduo que se avalia como competente ou como tendo recursos para lidar com as exigências duma situação com implicação pessoal, certamente não sente *stress*. Do mesmo modo, o jovem que ainda não teve necessidade de um confronto directo com a situação pode não sentir *stress*. Ele pode valorizar bastante o emprego, mas não sentir *stress* com a procura de trabalho, por ainda não ter chegado à altura de o fazer. Contudo, o facto de valorizar muito esta área pode constituir um ponto de vulnerabilidade ao *stress*, caso não encontre recursos ou desenvolva competências para se empregar.

Com vista a poder-se detectar estas eventuais áreas de vulnerabilidade e a melhor se caracterizar o jovem nesta fase de desenvolvimento, considerou-se pertinente avaliar também as valorizações ou atribuições de importân-

cia a várias áreas da vida dos jovens na transição para a adultícia.

O Inventário de Preocupações e Valorizações para Jovens (IPV-J) foi assim construído com o objectivo de avaliar atribuições de preocupação e importância (valorização) a várias áreas, tarefas e situações comuns aos jovens na fase de transição para a adultícia. As atribuições são naturalmente subjectivas uma vez que, para níveis semelhantes de intensidade, dois jovens poderão atribuir valores diferentes. Contudo, são precisamente estas percepções e não a intensidade real sentida, o que se pretende que este instrumento avalie.

Espera-se ainda que o IPV-J permita compreender como poderão estar a ser vividas pelo jovem uma série de mudanças ou tarefas desenvolvimentistas e identificar possíveis fontes de vulnerabilidade e protecção do jovem.

Por último, note-se que o facto de se poderem encontrar níveis elevados de preocupação em face de determinadas situações, não significa que sejam estas as responsáveis por tal preocupação. O IPV-J não permite extrair relações causais entre dimensões mas apenas inferir associações.

MÉTODO

Procedimento

A construção do IPV-J iniciou-se com a identificação de preocupações expressas por jovens de ambos os

sexos, em entrevistas psicológicas. De seguida, estas preocupações empiricamente derivadas foram analisadas e completadas a partir da literatura mais relevante sobre o desenvolvimento na transição para a vida adulta (Coleman & Hendry, 1999; Harter, 1999; Okun, 1984; Petersen & Leffert, 1995; Relvas, 2000; Sprinthall & Collins, 1988/1999). Assim se chegaram a 97 preocupações, depois organizadas em temas. Com o objectivo de tornar o inventário menos extenso, procurou-se reduzir o número de preocupações por tema, excluindo aquelas com significado semelhante ou expressas em menor frequência. Finalmente, obtiveram-se 35 itens de preocupação. A partir destes foram construídos os itens do inventário de valorizações, respeitando os mesmos temas. A elaboração dos itens foi feita com o cuidado de tornar possível a posterior comparação com os itens de preocupação, de forma a se poder averiguar se o que mais preocupa o jovem é também o que este mais valoriza ou não. Deste modo se chegaram a 30 itens de valorizações.

Para a definição da sucessão dos itens, fez-se primeiro uma ordenação aleatória dos temas e depois a selecção aleatória dos itens de cada tema, de modo a que as escalas finais apresentassem itens de temas diferentes, intercalados.

De seguida, procedeu-se à escolha das opções de resposta e à elaboração das instruções. Deste modo, defini-

ram-se cinco possibilidades de resposta, ordenadas por graus de crescente preocupação e importância (“nada”, “pouco”, “um tanto”, “muito” e “muitíssimo”). Apesar de Kline (1986) referir que uma escala de nove posições é a ideal, optou-se por um menor leque de respostas, de modo a tornar a aplicação mais fácil nos três grupos de escolaridade.

As instruções para a parte das preocupações foram apresentadas da seguinte maneira: “Em baixo, segue-se uma lista de situações que acontecem na vida de muitos jovens. Pode ser que já se tenha preocupado com algumas delas, no passado, ou que venha a preocupar-se com elas, no futuro. No entanto, o que gostaríamos de saber é com que situações se tem sentido preocupado, nervoso ou tenso, nos últimos 6 meses. Por isso, marque com uma cruz o grau com que nos últimos 6 meses se tem sentido preocupado, nervoso ou tenso, com cada uma dessas situações”.

O período de tempo mencionado foi escolhido tendo em conta que se pretendia despistar preocupações com tarefas de desenvolvimento e, portanto, preocupações inscritas num período significativo de tempo. Quanto à parte das valorizações, fez-se anteceder das seguintes instruções: “Marque agora, com uma cruz , o grau com que cada um dos seguintes aspectos da vida são importantes para si”.

De modo a avaliar a inteligibilidade dos itens e das instruções, identifi-

car eventuais problemas e recolher sugestões, procedeu-se a um pré-teste com 77 jovens portugueses do sexo masculino, dos 18 aos 21 anos, residentes no distrito de Lisboa e com escolaridade do 5º ao 12º ano. Foram-lhes explicados os objectivos da aplicação e incentivada a apresentação de dúvidas e sugestões, tendo a sua participação sido voluntária. Não se tendo registado dúvidas ou dificuldades, passou-se à aplicação do IPV-J a uma amostra mais alargada.

Material

O IPV-J consiste portanto num instrumento de auto-avaliação, dividido em duas partes. A primeira destina-se à avaliação das preocupações e a segunda à avaliação das valorizações pessoais (ver anexo).

A primeira parte é composta por 35 itens ou situações, maioritariamente relacionadas com aspectos de carácter desenvolvimentista ou outros associados. Os itens distribuem-se por treze temas ou áreas da vida, conforme se descrevem:

(a) Trabalho, Emprego e Situação Económica (itens 5, 14, 18, 23, 29 e 33), reporta a situações relacionadas com certas tarefas e aspectos do desenvolvimento da carreira, como a inserção no mundo laboral, as competências profissionais, a situação de trabalho e as condições salariais.

(b) Escola e Formação Escolar (itens 2, 15, 24 e 30), inclui preocupações relacionadas com o desempenho escolar, as escolhas vocacionais e os concursos de admissão a cursos. Continua, portanto, a incidir em aspectos relacionados com o desenvolvimento da carreira.

(c) Relações Amorosas e Formação do Casal (itens 16, 25, 31 e 34), reflecte preocupações associadas às fases de namoro e de formação do casal, tais como a intimidade, os conflitos, a estabilidade das relações e as opções de casar ou viver junto.

(d) Família (itens 4, 17 e 26), continua a reflectir preocupações relacionadas com o ciclo de vida familiar, nomeadamente a inversão de papéis (i.e. ter de tomar conta dos familiares), os conflitos de gerações e a separação em relação à família.

(e) Relações Sociais e Amigos (itens 19, 27, 32 e 35), refere-se a aspectos do desenvolvimento social, como as relações com colegas, amigos, chefes e professores e o estabelecimento e manutenção das amizades.

(f) Independência e Autonomia (itens 21 e 28), relaciona-se com aspectos do desenvolvimento do *self*, como a assunção de novas e mais responsabilidades, a individuação e a independência.

(g) Tempos Livres (itens 9 e 13), reflecte preocupações com a escassez de tempo para o ócio e o convívio, relacionadas com a tarefa desenvolvimental de gestão do tempo.

(h) Religião e Esoterismo (itens 12 e 22), relaciona-se com preocupações quanto a crenças religiosas e esotéricas.

(i) Parentalidade (itens 10 e 20), reflecte preocupações associadas à parentalidade, como o papel de pai/mãe e as suas responsabilidades.

(j) Sexualidade (item 8), prende-se com a preocupação da não iniciação sexual, numa fase de desenvolvimento em que muitos se confrontam com as questões da intimidade.

(k) Saúde (item 6), baseia-se na preocupação com a doença e o contágio.

(l) Prestação de Serviços à Comunidade ou ao País (item 7), tema assinalado com a preocupação com o cumprimento do serviço militar (na altura obrigatório), associado à maioridade.

(m) Outros Temas (itens 1, 3 e 11), inclui itens inicialmente inseridos nos temas “trabalho e emprego” (item 1), “relações amorosas e formação do casal” (item 3) e “self, independência e autonomia” (item 11) mas que por motivos que mais adiante se referirão, vieram a ser considerados isoladamente.

Nesta primeira parte, o jovem deve assinalar o grau com que nos últimos seis meses se tem sentido preocupado, nervoso ou tenso com cada uma das situações ou itens. Para tal, dispõe de cinco opções de resposta, cotadas respectivamente com 1 a 5 pontos: “nada preocupado”, “pouco preocupado”,

“um tanto preocupado”, “muito preocupado” e “muitíssimo preocupado”. A soma das pontuações permite obter um índice subjectivo de preocupação geral, entre 35 a 175 pontos (havendo “não respostas”, dever-se-á atribuir a pontuação 1).

Quanto à segunda parte do IPV-J, é composta por 30 itens distribuídos igualmente por treze temas ou áreas da vida, equivalentes aos das preocupações.

(a) Trabalho e Emprego (itens 1, 14, 23 e 28), reúne aspectos como a competência profissional, a estabilidade no emprego, a ascensão e prestígio na carreira e a realização profissional.

(b) Escola e Formação Escolar (itens 2, 15 e 24), engloba aspectos como ter um curso superior, aumentar os conhecimentos e ter sucesso escolar.

(c) Relações Amorosas e Formação do Casal (itens 3, 16, 25 e 29), integra aspectos como a compreensão mútua, a estabilidade e durabilidade das relações amorosas, namorar e casar.

(d) Família (itens 4 e 17), reúne aspectos como ter boa relação e proximidade física com os familiares.

(e) Relações Sociais e Amigos (itens 9, 20 e 26), engloba aspectos como sentir-se aceite pelos colegas, chefes ou professores, ter boas relações com os amigos e manter as amizades.

(f) Self, Independência e Autonomia (itens 11, 22, 27 e 30), integra

aspectos como responsabilizar-se pelo que faz, conhecer-se, ter espaço e privacidade e tomar decisões autonomamente.

(g) *Tempos Livres* (item 13), relaciona-se com ter tempo para o ócio.

(h) *Religião e Esoterismo* (item 12), inclui o aspecto da prática das convicções religiosas.

(i) *Parentalidade* (itens 10 e 21), integra aspectos como ter filhos e ser bom pai/mãe.

(j) *Sexualidade* (item 8), relaciona-se com a prática sexual.

(k) *Saúde* (item 6), associa-se aos cuidados de saúde e à prevenção de doenças.

(l) *Prestação de Serviços à Comunidade ou ao País* (itens 7 e 19), reúne aspectos como a participação em actividades comunitárias de voluntariado e o serviço à Pátria.

(m) *Dinheiro* (itens 5 e 18), integra itens como ser rico e ganhar dinheiro.

Nesta parte, o jovem deve assinalar o grau de importância que atribui a cada um dos aspectos de vida ou itens. Uma vez mais, dispõe de cinco opções de resposta, cotadas de 1 a 5 pontos: “nada importante”, “pouco importante”, “um tanto importante”, “muito importante” e “muitíssimo importante”.

Participantes

O IPV-J destina-se a jovens de ambos os sexos e inseridos em múlti-

plos contextos de vida. Deste modo, para o estudo psicométrico do IPV-J considerou-se necessário seleccionar uma amostra que, para além da idade, atendesse a outras variáveis passíveis de traduzir diferenças no contexto e nas concepções de vida. Dado o IPV-J ter sido construído e aplicado no âmbito de um outro estudo mais vasto, acerca da transição para a vida adulta (Gonçalves, 2005), neste trabalho apresenta-se o estudo psicométrico do IPV-J com uma amostra masculina de conveniência.

Os critérios de selecção da amostra foram os que a seguir se descrevem. Relativamente à idade, seleccionou-se uma população dos 18 aos 21 anos, por se inserir no intervalo de idades proposto por Levinson (1978; 1990) como correspondendo à fase de transição para a vida adulta. De forma a considerar jovens com diferentes contextos e concepções de vida, atendeu-se às variáveis orientação ocupacional principal, situação laboral e nível de escolaridade. No caso da orientação ocupacional, consideraram-se a orientação principal para o trabalho *versus* a orientação principal para a continuação de estudos, a nível superior. A situação laboral foi contemplada no grupo dos jovens orientados para o trabalho, considerando-se os subgrupos de trabalhadores activos e de jovens desempregados, à procura de emprego.

Quanto à escolaridade, definiram-se três níveis. Baixo (do 5º ao 9º ano),

médio (do 10º ao 12º ano) e alto (frequência do 1º ao 2º ano de bacharelato ou 3º ano de licenciatura; os estudantes a frequentar o último ano de curso não foram abrangidos de modo a não incluir estudantes universitários que já estivessem essencialmente orientados para o trabalho).

Além de se ter nacionalidade portuguesa, definiu-se ainda como critério de selecção os jovens residirem ou estudarem no distrito de Lisboa.

A amostra deste estudo é assim constituída por 632 sujeitos de nacionalidade portuguesa e sexo masculino, com idades dos 18 aos 21 anos ($M = 19,28$; $Dp = 1,14$). Dela fazem parte 395 trabalhadores activos (62,5%) e 66 desempregados (10,4%), perfazendo um total de 461 jovens orientados para o trabalho (72,9%); e 171 estudantes universitários (27,1%) ou jovens orientados para a continuação dos estudos, a nível superior.

Analisando a amostra, 236 sujeitos apresentam escolaridade baixa (37,3%) e 225 escolaridade média (35,6%), sendo os 171 estudantes universitários os que compõem o grupo de escolaridade alta (27,1%). Dos jovens com escolaridade baixa, 187 são trabalhadores activos (79,2%) e os restantes 49 são desempregados (20,8%). Quanto aos jovens com escolaridade média, 208 são trabalhadores activos (92,4%) e 17 são desempregados (7,6%).

Em termos de marcadores de transição para a vida adulta, 65 jovens (10,3%) apresentam independência económica total (i.e. pagam todas as suas despesas com o seu vencimento) e os restantes parcial ou inexistente; 41 (6,5%) estão casados ou a viver em união de facto, sendo os restantes solteiros; 50 (7,9%) saíram de casa dos pais, continuando os outros a viver com eles; e 16 (2,5%) são pais. Por outro lado, 455 sujeitos da amostra total (72,0%) já conduzem, assim como 548 (86,7%) referem já ter iniciado a sua actividade sexual. Por último, ao nível da saúde, 56 jovens (8,9%) referem ter doença física crónica.

RESULTADOS

Valores Descritivos e Precisão

Para estudar a precisão do IPV-J, procedeu-se à análise da consistência interna, pelo cálculo dos alfas de Cronbach. Os Quadros 1 e 2 apresentam os valores descritivos (média, desvio-padrão e amplitude de resposta) e de precisão (correlações dos itens com o total e alfas de Cronbach) encontrados para os itens de preocupações e de valorizações, respectivamente. Por sua vez, os Quadros 3 e 4 inserem os valores descritivos e de precisão encontrados para os temas das duas partes, com dois ou mais itens.

Quadro 1. Valores Descritivos e Precisão dos Itens de Preocupações.

Itens	M	DP	Amplitude	Correlação com o total de itens	a se item eliminado	a
1	2.40	1.09	[1; 5]	.38	.94	-
2	2.05	1.31	[1; 5]	.28	.94	-
3	1.86	1.23	[1; 5]	.28	.94	-
4	2.18	1.33	[1; 5]	.47	.93	-
5	2.49	1.60	[1; 5]	.57	.93	-
6	2.54	1.42	[1; 5]	.57	.93	-
7	2.79	1.54	[1; 5]	.21	.94	-
8	1.44	1.02	[1; 5]	.35	.94	-
9	2.54	1.25	[1; 5]	.48	.93	-
10	1.77	1.30	[1; 5]	.52	.93	-
11	1.71	0.94	[1; 5]	.49	.93	-
12	1.71	1.10	[1; 5]	.47	.93	-
13	2.86	1.18	[1; 5]	.44	.93	-
14	2.05	1.24	[1; 5]	.59	.93	-
15	2.37	1.40	[1; 5]	.33	.94	-
16	2.01	1.20	[1; 5]	.56	.93	-
17	2.02	1.34	[1; 5]	.64	.93	-
18	2.83	1.36	[1; 5]	.56	.93	-
19	2.06	1.48	[1; 5]	.69	.93	-
20	1.66	1.28	[1; 5]	.53	.93	-
21	2.27	1.28	[1; 5]	.59	.93	-
22	1.66	1.13	[1; 5]	.43	.93	-
23	2.42	1.46	[1; 5]	.67	.93	-
24	2.03	1.37	[1; 5]	.42	.93	-
25	2.20	1.27	[1; 5]	.59	.93	-
26	1.94	1.24	[1; 5]	.59	.93	-
27	1.77	1.13	[1; 5]	.73	.93	-
28	2.39	1.24	[1; 5]	.59	.93	-
29	2.20	1.23	[1; 5]	.66	.93	-
30	2.09	1.27	[1; 5]	.56	.93	-
31	1.68	1.13	[1; 5]	.64	.93	-
32	1.77	1.15	[1; 5]	.68	.93	-
33	2.24	1.54	[1; 5]	.65	.93	-
34	1.72	1.11	[1; 5]	.52	.93	-
35	1.88	1.27	[1; 5]	.70	.93	-
Total de itens	73.21	24.73	[35; 154]	1.00	-	.94

Legenda: M = média; DP = desvio-padrão; ? = Alfa de Cronbach.

Quadro 2. Valores Descritivos e Precisão dos Itens de Valorizações.

Itens	M	DP	Amplitude	Correlação com o total de itens	a se item eliminado	a
1	4.17	0.93	[1; 5]	.57	.92	-
2	3.31	1.31	[1; 5]	.31	.92	-
3	3.88	1.26	[1; 5]	.54	.92	-
4	4.22	1.00	[1; 5]	.57	.92	-
5	2.80	1.21	[1; 5]	.28	.92	-
6	4.07	1.05	[1; 5]	.54	.92	-
7	2.87	1.14	[1; 5]	.41	.92	-
8	3.72	1.14	[1; 5]	.51	.92	-
9	4.21	0.93	[1; 5]	.63	.92	-
10	3.94	1.43	[1; 5]	.59	.92	-
11	4.12	0.99	[1; 5]	.59	.92	-
12	2.06	1.20	[1; 5]	.29	.92	-
13	3.95	0.92	[1; 5]	.57	.92	-
14	4.18	1.04	[1; 5]	.63	.92	-
15	3.68	1.14	[1; 5]	.51	.92	-
16	3.97	1.07	[1; 5]	.62	.92	-
17	4.05	1.02	[1; 5]	.60	.92	-
18	3.87	1.08	[1; 5]	.39	.92	-
19	2.40	1.25	[1; 5]	.27	.92	-
20	3.85	0.98	[1; 5]	.67	.92	-
21	3.25	1.41	[1; 5]	.54	.92	-
22	4.11	0.93	[1; 5]	.64	.92	-
23	4.12	0.99	[1; 5]	.62	.92	-
24	3.46	1.40	[1; 5]	.44	.92	-
25	3.83	1.10	[1; 5]	.58	.92	-
26	4.26	0.85	[1; 5]	.61	.92	-
27	4.29	0.85	[1; 5]	.67	.92	-
28	4.40	0.85	[1; 5]	.65	.92	-
29	2.99	1.39	[1; 5]	.55	.92	-
30	4.28	0.92	[1; 5]	.52	.92	-
Total de itens	111.75	18.72	[30; 150]	1.00	-	.93

Legenda: M = média; DP = desvio-padrão; ? = Alfa de Cronbach.

Quadro 3. Valores Descritivos e Precisão dos Temas de Preocupações.

Temas	M	DP	Amplitude	Correlação com o total de itens	α
Trabalho, emprego e situação económica	2.42	1.10	[1; 5]	.83	.83
Escola e formação escolar	2.22	1.04	[1; 5]	.59	.70
Relações amorosas e formação do casal	1.99	0.94	[1; 5]	.72	.73
Família	2.05	1.03	[1; 5]	.74	.62
Relações sociais e amigos	1.94	1.14	[1; 5]	.79	.87
Independência e autonomia	2.52	1.16	[1; 5]	.69	.68
Tempos livres	2.90	1.09	[1; 5]	.57	.64
Religião e esoterismo	1.81	1.05	[1; 5]	.54	.65
Parentalidade	1.79	1.15	[1; 5]	.61	.58

Legenda: M = média; DP = desvio-padrão; α = Alfa de Cronbach.

Quadro 4. Valores Descritivos e Precisão dos Temas de Valorizações.

Temas	M	DP	Amplitude	Correlação com o total de itens	α
Trabalho e emprego	4.32	0.80	[1; 5]	.68	.80
Escola e formação escolar	3.46	1.12	[1; 5]	.53	.78
Relações amorosas e formação do casal	3.79	0.94	[1; 5]	.77	.74
Família	4.29	0.90	[1; 5]	.63	.78
Relações sociais e amigos	4.13	0.82	[1; 5]	.69	.78
Self, independência e autonomia	4.27	0.77	[1; 5]	.71	.78
Parentalidade	3.75	1.32	[1; 5]	.69	.74
Prestação de serviços à comunidade/País	2.85	0.10	[1; 5]	.46	.48
Dinheiro	3.53	0.98	[1; 5]	.45	.56

Legenda: M = média; DP = desvio-padrão; α = Alfa de Cronbach.

Analisando as médias obtidas para os itens de preocupação e valorização (Quadros 1 e 2), observa-se a tendência para valores mais baixos na parte das preocupações do que na das valorizações, embora a amplitude de respostas observadas tenha sido a mesma para todos os itens do IPV-J. Esta tendência constata-se também quando se comparam os valores médios dos temas de preocupações com os de valorizações (Quadros 3 e 4).

Quanto à correlação dos itens com o total de cada parte (Quadros 1 e 2), os valores são positivos mas distanciados (de .21 a .73 nas preocupações e de .27 a .67 nas valorizações), indicando que todos os itens contribuem no mesmo sentido para o resultado final, embora com diferente valor explicativo. Analisando os temas (Quadros 3 e 4), observa-se menor discrepância entre os valores das correlações (de .54 a .83 nas preocupações e de .45 a .77 nas valorizações). Ainda assim, as diferenças sugerem que alguns temas influenciam mais o resultado final do que outros. No caso das preocupações, sobressaem o “trabalho, emprego e situação económica” e as “relações sociais e amigos”, com correlações acima de .75 (conforme o Quadro 3). No caso das valorizações, o tema “relações amorosas e formação do casal” é o que mais se destaca, também com coeficiente de correlação acima de .75 (ver Quadro 4).

Relativamente aos alfas de Cronbach, observam-se valores

superiores a .90 tanto para o total de itens de preocupação (.94, de acordo com o Quadro 1) como para o total de itens de valorização (.93, conforme Quadro 2), sugerindo muito boa consistência interna (Pestana & Gageiro, 2003). Observa-se que o alfa diminuiria se extraído qualquer um dos itens de cada parte (ver Quadros 1 e 2), com excepção dos de preocupação 1, 2, 3, 7, 8 e 15, em que se manteria a consistência interna. Dada a informação qualitativa que permitem obter e visto não diminuir a consistência interna do IPV-J, decidiu-se mantê-los.

Quanto aos temas, observam-se valores de consistência interna altos (iguais ou acima de .80) nos temas de preocupação “trabalho, emprego e situação económica” e “relações sociais e amigos” (Quadro 3) e no de valorização “trabalho e emprego” (Quadro 4). Os valores são baixos (inferiores a .70) nos temas de preocupação “independência e autonomia”, “religião e esoterismo”, “tempos livres”, “família” e “parentalidade” (Quadro 3) e nos de valorização “dinheiro” e “prestação de serviços à comunidade/País” (Quadro 4). O número reduzido de itens poderá ser um factor explicativo da baixa consistência interna encontrada nestes temas.

Por último, como a aplicação do IPV-J decorreu num único momento do tempo, não foi realizado o estudo das correlações teste-reteste.

Análise dos Itens e Correlações

Inicialmente, o tema de preocupações “Trabalho, emprego e situação económica” foi concebido como estando separado nos temas “trabalho e emprego” (itens 1, 14, 23, 29 e 33) e “dinheiro” (itens 5 e 18). Porém, optou-se por agrupá-los num tema único dado ter-se verificado uma elevada correlação entre estes itens, bem como uma maior consistência interna quando agrupados num só tema (de .78 e .62 para .83, respectivamente).

Os itens de preocupação 1, 3, 9 e 11, conforme já referido, foram inicialmente concebidos como pertencendo aos temas “trabalho e emprego”, “relações amorosas e formação do casal”, “relações sociais e amigos” e “*self*, independência e autonomia”, respectivamente. Contudo, por se verificar diminuírem a consistência interna desses temas (o item 1 de .80 para .78; o item 3 de .73 para .70; o item 9 de .87 para .83 e o item 11 de .68 para .66) foram retirados destes, mas mantidos na escala, por contribuírem para a sua consistência interna.

Como na análise das correlações entre itens de preocupação se constatou que a maior correlação do item 9 era com o item 13 do tema “tempos livres” (.47), e que ambos se relacionavam em termos de conteúdo, decidiu-se inseri-lo neste tema. Assim, apenas os itens 1, 3 e 11 foram agrupados em “outros temas”. Devido à extracção do item 11 do tema “*self*,

independência e autonomia”, reformulou-se a designação para “independência e autonomia”.

Os Quadros 5 e 6 apresentam as correlações de Spearman dos itens com os temas de preocupação e de valorização, respectivamente. Conforme se pode observar, em ambos os Quadros, os itens apresentam maior correlação com os temas a que pertencem do que com os restantes. Em muitos casos, porém, verificam-se correlações elevadas entre esses itens e alguns temas a que não pertencem.

No que se refere às 595 correlações calculadas entre itens de preocupação, apenas 19 (3,2%) não são significativas para $p < .05$. Porém, somente 20 (3,4%) apresentam valores iguais ou superiores a 0,50 (sendo o coeficiente mais elevado de 0,67). Também no caso das valorizações, apenas 14 (3,2%) das 435 correlações entre itens não são significativas para $p < .05$, sendo que só 18 (4,1%) igualam ou excedem o valor 0,50 (o coeficiente mais elevado é de 0,64). Deste modo, embora a maioria dos itens se relacione entre si (o que se coaduna com a elevada consistência interna encontrada nas duas partes do IPV-J), as correlações entre itens são geralmente baixas. Este aspecto dá ênfase à noção de que por um jovem estar preocupado com uma dada situação ou valorizá-la muito, não significa que tenha de estar preocupado ou que tenha de valorizar todas as restantes situações incluídas ou não num dado tema.

Quadro 5. Correlações de Spearman dos Itens com os Temas de Preocupação.

Itens	Temas								
	Trab.	Esc.	Amor.	Fam.	Soci.	Indep.	Temp.	Relig.	Paren.
<i>Trab.</i>									
5	.70	.29	.40	.49	.47	.33	.29	.25	.37
14	.65	.29	.44	.46	.49	.39	.31	.32	.46
18	.70	.26	.39	.43	.44	.44	.28	.33	.34
23	.77	.29	.51	.46	.55	.47	.33	.34	.50
29	.69	.31	.50	.50	.56	.46	.33	.31	.43
33	.73	.34	.51	.43	.63	.43	.22	.26	.46
<i>Esc.</i>									
2	.20	.66	.22	.19	.16	.21	.14	.06	.17
15	.23	.79	.19	.17	.25	.20	.25	.13	.15
24	.26	.74	.23	.22	.33	.21	.24	.17	.21
30	.43	.64	.43	.38	.43	.45	.33	.26	.35
<i>Amor.</i>									
16	.41	.32	.62	.38	.47	.40	.28	.30	.27
25	.47	.28	.73	.44	.41	.38	.35	.32	.48
31	.45	.32	.67	.41	.55	.37	.29	.29	.43
34	.38	.19	.61	.33	.39	.34	.23	.35	.43
<i>Fam.</i>									
4	.37	.22	.30	.73	.39	.29	.36	.30	.30
17	.52	.28	.46	.69	.61	.45	.35	.31	.39
26	.52	.27	.48	.67	.50	.46	.31	.41	.47
<i>Soci.</i>									
19	.58	.33	.51	.57	.82	.40	.36	.30	.54
27	.57	.38	.54	.51	.78	.47	.34	.32	.46
32	.55	.33	.50	.47	.72	.41	.32	.33	.45
35	.56	.33	.52	.51	.82	.41	.32	.35	.44
<i>Indep.</i>									
21	.49	.36	.46	.39	.43	.84	.34	.34	.34
28	.46	.29	.46	.47	.42	.85	.37	.34	.34
<i>Temp.</i>									
9	.36	.24	.33	.40	.39	.32	.85	.25	.29
13	.32	.32	.31	.38	.28	.38	.83	.32	.22
<i>Relig.</i>									
12	.33	.17	.34	.35	.35	.31	.25	.82	.29
22	.31	.18	.36	.35	.34	.32	.26	.81	.26
<i>Paren.</i>									
10	.43	.24	.39	.41	.42	.29	.27	.25	.86
20	.42	.23	.46	.35	.47	.34	.17	.28	.76

Legenda: Trab. = trabalho, emprego e situação econômica; Esc. = escola e formação escolar; Amor. = relações amorosas e formação do casal; Fam. = família; Soci. = relações sociais e amigos; Indep. = independência e autonomia; Temp. = tempos livres; Relig. = religião e esoterismo; Paren. = parentalidade.

Quadro 6. Correlações de Spearman dos Itens com os Temas de Valorização.

Itens	Temas								
	Trab.	Esc.	Amor.	Fam.	Soci.	Self.	Paren.	Prest.	Dinh.
<i>Trab.</i>									
1	.69	.29	.41	.33	.44	.50	.31	.20	.21
14	.75	.23	.47	.44	.46	.46	.41	.24	.31
23	.75	.30	.46	.29	.42	.50	.36	.24	.31
28	.68	.27	.45	.32	.50	.61	.36	.20	.28
<i>Esc.</i>									
2	.20	.76	.22	.17	.21	.18	.11	.13	.15
15	.37	.79	.37	.37	.28	.34	.30	.30	.19
24	.34	.85	.35	.32	.30	.33	.27	.26	.14
<i>Amor.</i>									
3	.39	.29	.69	.38	.44	.44	.38	.16	.19
16	.44	.28	.75	.43	.47	.45	.40	.19	.24
25	.38	.19	.71	.31	.46	.45	.38	.20	.30
29	.40	.27	.71	.34	.29	.35	.60	.24	.21
<i>Fam.</i>									
4	.34	.25	.42	.86	.51	.35	.34	.29	.23
17	.36	.25	.43	.83	.52	.38	.36	.29	.26
<i>Soci.</i>									
9	.38	.23	.39	.49	.79	.47	.33	.20	.20
20	.52	.27	.50	.46	.75	.50	.36	.32	.23
26	.42	.18	.46	.43	.78	.52	.32	.21	.19
<i>Self.</i>									
11	.46	.23	.39	.31	.44	.73	.41	.16	.28
22	.53	.33	.51	.37	.50	.73	.44	.22	.18
27	.57	.22	.47	.39	.60	.75	.38	.25	.22
30	.42	.19	.38	.24	.41	.66	.32	.16	.29
<i>Paren.</i>									
10	.40	.23	.49	.41	.42	.44	.82	.26	.23
21	.35	.20	.55	.27	.31	.38	.87	.26	.20
<i>Prest.</i>									
7	.23	.29	.28	.31	.22	.25	.27	.78	.04
19	.17	.12	.17	.24	.20	.13	.20	.79	.03
<i>Dinh.</i>									
5	.19	.19	.22	.16	.14	.17	.17	.01	.84
18	.39	.07	.31	.28	.30	.33	.31	.12	.75

Legenda: Trab. = trabalho e emprego; Esc. = escola e formação escolar; Amor. = relações amorosas e formação do casal; Fam. = família; Soci. = relações sociais e amigos; Self. = self, independência e autonomia; Paren. = parentalidade; Prest. = prestação de serviços à comunidade/País; Dinh. = dinheiro.

Acordo entre Juizes

De forma a estudar a validade de conteúdo, procedeu-se à recolha das avaliações de quatro juizes, com experiência profissional e formação na área da transição para a vida adulta. Em separado, pediu-se-lhes que organizassem os itens de preocupação pelos temas e depois os de valorização. Os resultados revelam 100% de acordo entre juizes para todos os itens excepto os de preocupação 30 e 32 e o de valorização 7 (com 75% de acordo); o de preocupação 28 (com 50% de acordo); e o de preocupação 9 (com 25% de acordo, tendo os restantes juizes classificado-o no tema original). Os itens de preocupação 1, 3 e 11 foram avaliados por todos como pertencendo aos temas iniciais embora tenham depois sido excluídos dos temas, pelos motivos já citados. Em síntese, a validade de conteúdo encontrada é boa, excepto para o item de preocupação 9.

Análise em Componentes Principais

O agrupamento dos itens do IPV-J foi organizado por temas e não por subescalas. Os itens foram pois agrupados em função do seu conteúdo (ao remeterem para um mesmo domínio temático) e não por saturarem num factor comum. Por esse motivo, não se procedeu à análise factorial. Refira-se que não faz sentido analisar os temas do IPV-J enquanto subescalas

pois, conforme já referido, a preocupação ou valorização de um item de um dado tema não implica a preocupação ou valorização dos restantes itens desse tema. Um jovem pode estar preocupado com a escolha de um curso, por exemplo, e não estar preocupado com poder reprovar o ano, apesar de ambas as situações remeterem para o domínio escolar. Do mesmo modo, ele pode valorizar o namoro e atribuir pouca importância ao casamento, sendo estes aspectos do domínio das relações amorosas e da formação do casal.

Por conseguinte, recomenda-se que a análise do IPV-J se faça item a item, para uma identificação mais precisa das preocupações e valorizações. Não obstante, para efeitos de investigação, esta análise poderá abreviar-se somando as atribuições dos itens de um dado tema e dividindo o resultado pelo número total de itens desse tema. O valor médio encontrado, embora menos rigoroso, permitirá obter uma ideia sobre o nível global de preocupação ou de valorização desse tema.

Percentis para o Total de Preocupações

Por último, o Quadro 7 apresenta os percentis calculados para o total de preocupações. Conforme se pode observar, metade da amostra apresenta valores totais de preocupação iguais ou inferiores a 69.

Quadro 7. Percentis para o Total de Preocupações (N = 632).

Total de Preocupações	Percentis
41	5
54	25
69	50
88.75	75
154	100

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O Inventário de Preocupações e Valorizações para Jovens é, como o próprio nome indica, um instrumento concebido para jovens de ambos os sexos e em fase de transição para a vida adulta. Mediante a auto-avaliação do jovem, permite conhecer as atribuições de graus de preocupação a situações maioritariamente relacionadas com mudanças e tarefas desenvolvimentistas desta fase, assim como conhecer as valorizações atribuídas por ele a diversas situações e aspectos da vida. Pela comparação dos itens de ambas as partes é ainda possível analisar se as áreas mais valorizadas são aquelas em que incidem maiores graus de preocupação. Por último, a análise global das preocupações permite aceder a um índice subjectivo de preocupação geral.

Posto isto, o estudo das propriedades psicométricas do IPV-J revelou, para o sexo masculino, tratar-se de um instrumento com boa validade de conteúdo e elevada consistência interna. Também no respeitante aos temas com três ou mais itens, a consistência

interna mostrou-se aceitável. Ainda assim, recomenda-se que a análise das atribuições ao tema só deva substituir a análise item a item quando a necessidade de economizar tempo for um imperativo que se sobreponha à leitura mais discriminada.

Quanto às limitações do IPV-J, são as geralmente apontadas aos instrumentos de auto-avaliação, como estarem dependentes da compreensão, motivação, estado emocional e auto-conhecimento do indivíduo e, por conseguinte, poderem dar uma visão distorcida da realidade. Não havendo recurso a outros avaliadores, mais difícil será a identificação do possível viés. Contudo, se se tiver em conta que o objectivo do IPV-J não é avaliar o grau real de preocupação mas a avaliação subjectiva do jovem acerca do seu grau de preocupação, então esta limitação perde relevância, ainda que não se excluindo o risco de haver insinceridade nas respostas.

Não obstante, o IPV-J apresenta algumas mais valias, sobretudo quando comparado com instrumentos de resposta dicotómica, que assumem

que desde que o indivíduo tenha vivido determinado acontecimento, já terá passado por determinado nível de *stress*. Pelo contrário, o IPV-J dá ao jovem a liberdade de expressar o grau com que pensa ter sentido preocupação ou tensão, mediante cinco opções de resposta, independentemente de ter um envolvimento real ou imaginário com essas situações.

Por outro lado, o IPV-J apresenta também a vantagem de reunir preocupações e valorizações comuns a um período de transição desenvolvimentista pouco estudado, ainda que podendo tratar-se de preocupações ou valorizações igualmente presentes

noutras fases de desenvolvimento.

Tanto no campo da investigação como no domínio da promoção da saúde e da intervenção clínica, este instrumento revela ter aplicação e utilidade. Não só permite um maior conhecimento sobre uma fase de transição pouco estudada, como permite, em combinação com outros instrumentos e métodos de avaliação, levantar hipóteses acerca dos processos de adaptação e risco do jovem. Há ainda alguns estudos psicométricos a efectuar com o IPV-J, para além da necessidade de estudar este inventário com uma população semelhante do sexo feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cicchetti, D. (1989). Developmental psychopathology: Past, present and future. In D. Cicchetti (Ed.), *The emergence of a discipline: Rochester symposium on developmental psychopathology* (vol.1), (pp. 1-12). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cicchetti, D., & Schneider-Rosen, K. (1986). An organizational approach to childhood depression. In M. Rutter, C. Izard, & P. Read (Eds.), *Depression in young people: Developmental and clinical perspectives* (pp. 71-134). New York: The Guilford Press.
- Coleman, J. C., & Hendry, L. B. (1999). *The nature of adolescence* (3^a ed.). London: Routledge Taylor & Francis Group.
- Gonçalves, M. (2005). *Vulnerabilidade e resiliência em jovens na transição para a vida adulta: Estudo de uma amostra masculina*. Dissertação de Mestrado, manuscrito policopiado. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York: The Guilford Press.
- Holmes, T. H., & Rahe, R. H. (1967). The social readjustment rating scale. *Journal of Psychosomatic Research*, 11, 213-218.

- Joyce-Moniz, L. (1993). *Psicopatologia do desenvolvimento do adolescente e do adulto*. Lisboa: Editora McGraw-Hill.
- Kline, P. (1986). *A handbook of test construction: Introduction to psychometric design*. London: Methuen.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer Publishing Company.
- Levinson, D. (1990). A theory of life structure development in adulthood. In C. Alexander, & E. Langer (Eds.), *Higher stages of human development* (pp. 35-53). Oxford: Oxford University Press.
- Levinson, D., Darrow, D., Klein, C., Levinson, M., & McKee, B. (1978). *The seasons of a man's life*. New York: A. A. Knopf.
- Lipp, M. E. N., & Guevara, A. J. H. (1994). Validação empírica do inventário de sintomas de stress (ISS). *Estudos de Psicologia*, 11, 43-49.
- Lipp, M. E. N., & Lucarelli, M. D. M. (1998). *Escala de stress infantil – ESI – manual*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Miller, P., & Salter, D. (1989). Is there a short-cut? An investigation into the life-event interview. In T. W. Miller (Ed.), *Stressful life events* (pp. 149-164). Madison: International Universities Press.
- Mirowsky, J., & Ross, C. E. (2001). Age and the effect of economic hardship on depression. *Journal of Health and Social Behavior*, 42, 132-150.
- Moos, R. H., & Schaefer, J. A. (1986). Life transitions and crises: A conceptual overview. In R. H. Moos (Ed.), *Coping with life crises: An integrated approach* (pp. 3-28). New York: Plenum Press.
- Okun, B. F. (1984). *Working with adults: Individual, family and career development*. California: Brooks/Cole Publishing Company.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS (3ª ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Petersen, A. C., & Leffert, N. (1995). What is special about adolescence? In M. Rutter (Ed.), *Psychosocial disturbances in young people: Challenges for prevention* (pp. 3-36). New York: Cambridge University Press.
- Raymore, L. A., Barber, B. L., Eccles, J. S., & Godbey, G. C. (1999). Leisure behavior pattern stability during the transition from adolescence to young adulthood. *Journal of Youth and Adolescence*, 28 (1), 79-103.
- Relvas, A. P. (2000). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica (2ª ed.)*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rutter, M. (1986). The developmental psychopathology of depression: Issues and perspectives. In M. Rutter, C. Izard, & P. Read (Eds.), *Depression in young people: Developmental and clinical perspectives* (pp. 3-30). New York: The Guilford Press.

- Sameroff, A. J. (1989). Models of developmental regulation: The envirotype. In D. Cicchetti (Ed.), *The emergence of a discipline: Rochester symposium on developmental psychopathology* (vol.1), (pp. 41-68). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sameroff, A. J., & Seifer, R. (1990). Early contributors to developmental risk. In J. Rolf, A. Masten, D. Cicchetti, K. Nuechterlein, & S. Weintraub (Eds.), *Risk and protective factors in the development of psychopathology* (pp. 52-66). Cambridge: University Press.
- Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (1999). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista* (2ª ed.), (C. Vieira, trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Obra original publicada em 1988).
- Sroufe, L. A. (1989). Pathways to adaptation and maladaptation: Psychopathology as a developmental deviation. In D. Cicchetti (Ed.), *The emergence of a discipline: Rochester symposium on developmental psychopathology* (vol.1), (pp. 13-40). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sroufe, L. A., Carlson, E. A., Levy, A. K., & Egeland, B. (1999). Implications of attachment theory for developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 11, 1-13.
- Vaz Serra, A. (2000). A vulnerabilidade ao stress. *Psiquiatria Clínica*, 21 (4), 261-278.
- Zung, W. W. K. (1971). A rating instrument for anxiety disorders. *Psychosomatics*, 12, 371-379.

ANEXOS

Inventário de Preocupações e Valorizações para Jovens

Em baixo, segue-se uma lista de situações que acontecem na vida de muitos jovens. Pode ser que já se tenha preocupado com algumas delas, no passado, ou que venha a preocupar-se com elas, no futuro. No entanto, o que gostaríamos de saber é com que situações é que se tem sentido preocupado, nervoso ou tenso, **nos últimos 6 meses**. Por isso, marque com uma cruz o grau com que nos últimos 6 meses se tem sentido preocupado, nervoso ou tenso, com cada uma dessas situações.

Nos últimos 6 meses, tenho-me sentido preocupado, nervoso ou tenso , com:	Preocupado, nervoso ou tenso				
	Nada	Pouco	Um tanto	Muito	Muitíssimo
1. Ter um desempenho profissional abaixo do que eu gostaria.					
2. Poder não entrar no curso que gostaria.					
3. Não arranjar namorada (o).					
4. Estar longe dos meus familiares.					
5. Não ter salário.					
6. Estar doente ou poder apanhar alguma doença.					
7. Ter de cumprir o serviço militar obrigatório*.					
8. Não ter iniciado a minha vida sexual.					
9. Ter pouco tempo para estar com os amigos.					
10. Ser ou ir ser pai / mãe.					
11. Ter opiniões, ideias e interesses pouco definidos ou que mudo muitas vezes.					
12. Poder ser vítima de mau olhado.					
13. Não ter tempo para as actividades de que gosto ou que me dão prazer.					
14. Ter um desempenho profissional abaixo do que o meu chefe gostaria.					
15. Ter resultados escolares abaixo do que eu gostaria.					
16. Ter dificuldade em manter as relações amorosas.					
17. Ter má relação com meus familiares.					
18. Ter pouco dinheiro para as minhas necessidades.					
19. Não ter amigos.					
20. Ter de proteger e educar o(s) meu(s) filho(s).					
21. Ter cada vez mais de contar só comigo e ser independente.					
22. Poder ser castigado por Deus.					

*Não sendo o serviço militar obrigatório, sugere-se a mudança deste item para "Ir prestar serviço militar ou comunitário".

Nos últimos 6 meses, tenho-me sentido <u>preocupado, nervoso ou tenso</u> , com:	Preocupado, nervoso ou tenso				
	Nada	Pouco	Um tanto	Muito	Muitíssimo
23. Ter um emprego instável ou pouco seguro.					
24. Poder chumbar.					
25. Ter desentendimentos com a minha namorada(o) ou esposa(o).					
26. Ter de tomar conta dos meus familiares.					
27. Ter dificuldade em manter as amizades.					
28. Ter de assumir muitas e novas responsabilidades.					
29. Não progredir nem ser promovido(a), no trabalho.					
30. Ter de escolher um curso ou uma profissão.					
31. Sentir que eu e minha namorada(o) ou esposa(o) somos pouco íntimos ou pouco próximos.					
32. Ter má relação com os meus chefes e/ou professores.					
33. Não arranjar emprego.					
34. Decidir se quero casar / viver junto.					
35. Ter má relação com os meus colegas e/ou amigos.					

Marque agora, com uma cruz , o grau com que cada um dos seguintes aspectos da vida, são importantes para si:

Para mim, é <u>importante</u> :	Importante				
	Nada	Pouco	Um tanto	Muito	Muitíssimo
1. Ser muito competente no meu trabalho (bom no que faço).					
2. Ter um curso de nível superior.					
3. Sentir que minha namorada(o)/esposa(o) e eu nos compreendemos e que temos pontos em comum.					
4. Dar-me bem com os meus familiares.					
5. Ser rico(a).					
6. Cuidar da minha saúde e prevenir doenças.					
7. Participar em actividades de voluntariado, em que ajude pessoas, animais e/ou o ambiente, de maneira a ser útil à comunidade.					

Para mim, é <u>importante</u> :	Preocupado, nervoso ou tenso				
	Nada	Pouco	Um tanto	Muito	Muitíssimo
8. Ter vida sexual.					
9. Dar-me bem com os amigos.					
10. Ser bom pai / mãe.					
11. Ser eu próprio(a) a tomar as minhas decisões.					
12. Ser bom praticante da minha religião.					
13. Ter tempo livre para as actividades que gosto e que me dão prazer.					
14. Ter um emprego fixo e estável.					
15. Estudar e aumentar os meus conhecimentos.					
16. Ter relações amorosas estáveis e duradouras.					
17. Estar perto dos meus familiares.					
18. Ganhar dinheiro.					
19. Servir a Pátria (por serviço militar e/ou actividades civis).					
20. Ser bem aceite pelos meus colegas, chefes ou professores.					
21. Ter filhos.					
22. Conhecer-me bem e saber o que quero.					
23. Ter um trabalho em que possa subir na carreira e/ou ter prestígio.					
24. Ter bons resultados escolares.					
25. Namorar.					
26. Manter as minhas amizades.					
27. Ser responsável por mim e pelo que faço.					
28. Ter uma profissão de que goste e em que me sinta realizado.					
29. Casar.					
30. Ter o meu espaço e privacidade.					